



**Data:** 25.11.2011

**Título:** Alexandre Quintanilha O mundo, competitivo como está, autodestrói-se

**Pub:**



**Tipo:** Jornal Nacional Diário

**Secção:** Notícias

**Pág:** 8;1;9

# Alexandre Quintanilha O mundo, competitivo como está, autodestrói-se

P2

Área: 1155cm² / 41%

FOTO Titagem: 72.253

Cores: 4 Cores

ID: 3903683

Data: 25.11.2011

Titulo: Alexandre Quintanilha O mundo, competitivo como está, autodestrói-se

Pub:



clipping  
consultores

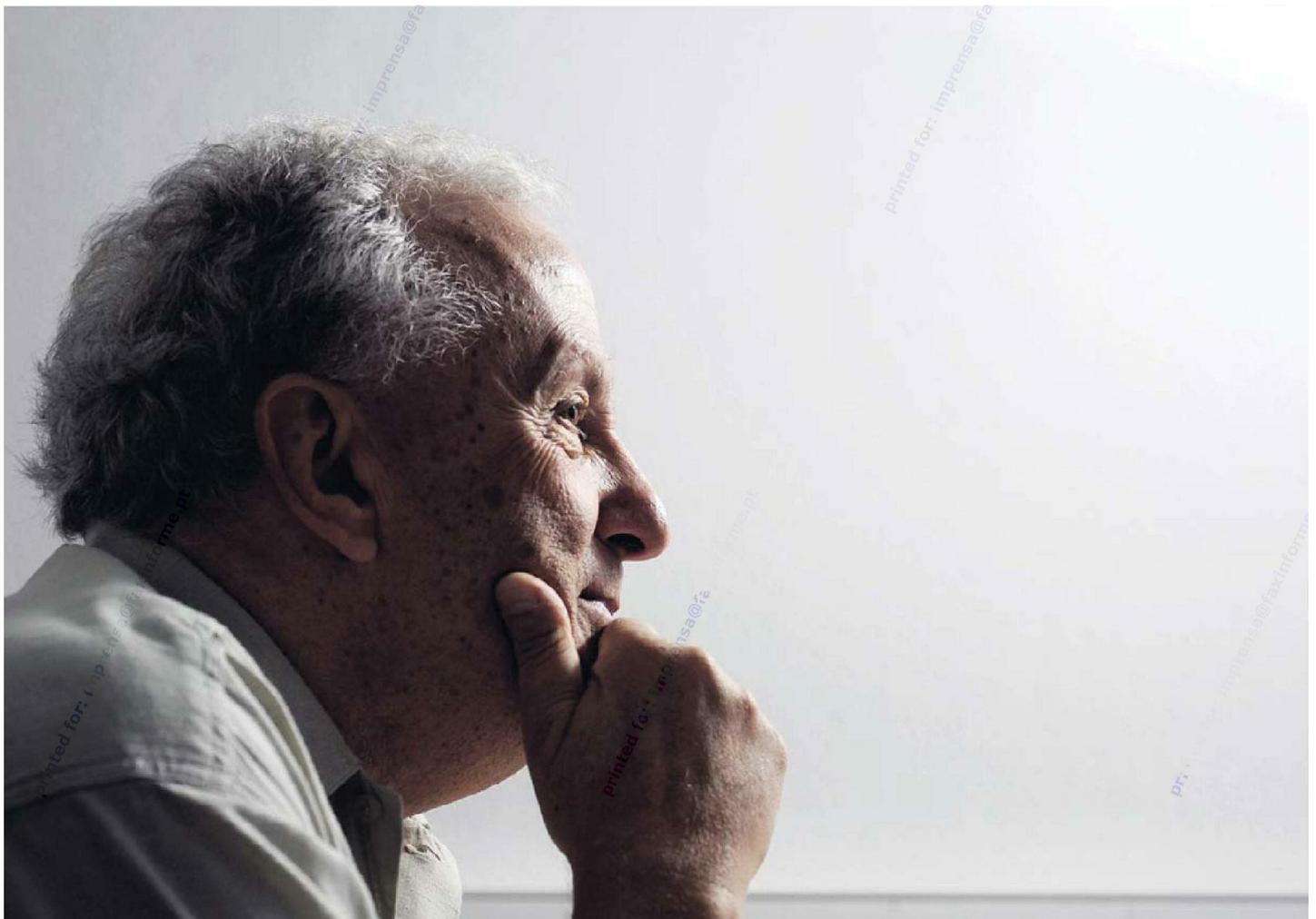
Tipo: Jornal Nacional Diário

Secção: Notícias

Pág: 8;1;9

# Alexandre Quintanilha O mundo, competitivo como está, autodestrói-se

Diz-se um optimista. Mas diz também que a Humanidade atravessa uma fase de mudanças bruscas, na Economia, como na Ciência, que exigem uma noção dos riscos, na tomada de decisões. E é para alcançar essa noção que servem a arte e o conhecimento, avisa Alexandre Quintanilha, um cientista a ler o planeta a partir de Portugal. *Por Abel Coentrão*



Área: 1155cm² / 41%

FOTO Titagem: 72.253

Cores: 4 Cores

ID: 3903683

● Ele acredita, e pede desculpa por não se lembrar se foi [Roland] Barthes ou [Maurice] Blanchot que o disse, que a literatura o ajuda a respirar. E a Alexandre Quintanilha, cientista português, que, há anos, ainda nos EUA, estudou as propriedades do oxigénio, outra das coisas fundamentais para a respiração, a frase não podia assentar melhor. Nem que seja para rebater a provocação de Tarkowski, citado durante a sua apresentação, e que um dia terá dito que “a arte não pode ensinar nada a ninguém, porque, em milhares de anos, a Humanidade não aprendeu absolutamente nada”. Quintanilha até acredita que o Homem, nos últimos sete séculos, encetou um processo “de aquisição contínua de autonomia, de liberdade, de democracia”, mas admite que estamos numa fase “crítica”. Em Ciência e não só. “Estão a acontecer muitas coisas que não estavam previstas. Temos de ter muito cuidado nas escolhas que vamos fazer para o futuro.”

Convidado no sábado passado para uma sessão do ciclo de encontros *Derivas Artísticas*, promovido pela Associação Circular, de Vila do Conde, este investigador que há anos vem exercitando uma costela de divulgador da ciência aceitou reflectir sobre a pergunta “para que servem a arte e o conhecimento em geral?”. Questão difícil de responder, quando são dez da noite e se tem um voo para apanhar às seis da manhã. Questão respondida quando se percebe, uma hora e meia depois, que, a Alexandre Quintanilha, essa mesma arte e esse mesmo conhecimento – que vai para além da investigação em Biologia, Ambiente ou Física Aplicada que lhe enchem o currículo – o ajudaram a formar uma noção equilibrada do risco que envolve muitos dos dilemas com que estamos, actualmente, confrontados.

Pedem-lhe que fale sobre arte e conhecimento, mas é essencialmente sobre a noção de risco – que ambas ajudam a conformar, argumenta –, que lhe apetece falar. O lugar chama-se Centro de Memória, nome a jeito para alguém que começa por nos lembrar como a mesma Humanidade que nos livros, desde Adão e Eva,

Prometeu e outras personagens famosas, castigava a curiosidade e a imaginação, passou, nos últimos seis séculos, a tolerá-la, primeiro, e a estimulá-la, depois. Alguém que, quando nos recorda que a Ciência, através da Genética, já passou a fronteira da criação das primeiras formas, ainda que simples, da vida sintética, vê, nesses e noutros passos, muitos riscos. Conclui: “É óbvio que vamos ter que ter muito cuidado, é óbvio que vamos ter de definir prioridades de investimento na investigação. Agora não é realista pensarmos que se impedirmos essa curiosidade e imaginação, ela não vai florescer noutra sítio qualquer, onde as leis sejam mais permissivas”.

Já numa entrevista tinha dito que “não é o conhecimento que é perigoso. É o que fazemos com ele”. Mas não se pode dizer de um homem que vivia na África do Sul quando o Dr. Barnard fez no país o primeiro transplante de coração; que estava em São Francisco quando a comunidade médica e científica se confrontou com os primeiros casos de VIH, nos idos de 1980, e que, a partir de Portugal, acompanha a par e passo a evolução da Biogenética, que seja um pessimista. À frente de umas 50 pessoas, a convocar o mundo de pé, está até alguém com “uma tendência” para o optimismo. Mas esta é a mesma pessoa que, assumindo-se um fruto da globalização – “não sei se passarei os próximos 20 anos na Nova Zelândia”, atira –, acredita, por outro lado, que “o mundo, competitivo como está, autodestrói-se. E que vincará, já no final do debate com o público, a necessidade de encontrarmos um balanço “na tensão egoísmo-generosidade”, a que estamos sujeitos.

Num mundo que demorou séculos a pôr em prática – e ainda não o fez totalmente – valores como a democracia ou a liberdade religiosa, a Alexandre Quintanilha, que faz questão de assinalar que é mais velho que a Declaração Universal de Direitos do Homem, preocupam-no as mudanças, “terríveis”, dos anos mais recentes. “A instabilidade de mercados, a insegurança laboral, as

desigualdades, a crise de valores, os fundamentalismos. Todas estas coisas estão a aumentar. E passa um *slide* em que mostra como todos os avanços recentes conseguidos em áreas como a saúde ou a produção alimentar não só não resolveram os problemas de uma boa parte da humanidade como, por outro, estão a gerar, por excesso, novos problemas entre a parte de nós que teve acesso a esses ganhos, pondo os portugueses, por exemplo, no terceiro lugar dos países que mais calorias consomem, à frente dos EUA.

### Ver com novos olhos

A resolução deste e de outros problemas exige capacidade de ponderação, a tal noção de risco, que depende, explica Quintanilha, de três factores: “Da literacia estatística, da nossa visão robusta ou frágil do planeta – que leva a que uns acreditem que ele aguentará com tudo o que lhe fizermos, por exemplo, e que outros duvidem da sua capacidade para nos aguentar muito tempo – e da confiança que temos nas instituições”. Como exemplo do primeiro factor, que poderia servir para o terceiro, mostra o gráfico com o resultado de um inquérito a médicos de Oncologia: “Se uma mulher faz uma mamografia e o resultado é positivo, qual é a probabilidade estatística de essa mulher vir a ter cancro?” A resposta verdadeira é 7%, mas as respostas dos “médicos supostamente conhecedores” desta matéria variam entre os dois e os 90%. Vocês não acham isto chocante? Eu acho chocante, que não saibam interpretar probabilidades”.

Se outro exemplo fosse preciso, eis, literalmente pela nossa saúde, para que serve o conhecimento, e a sua importância num momento da nossa existência em que, seja na Economia, seja na Ciência, os desafios que se colocam ao planeta são “enormes”. E onde entra aqui a arte? Aos 18 anos, confessa, Proust mudou-lhe “a vida e a forma de estar no planeta” com a sua longuíssima [Em] *Busca do Tempo Perdido*, a “Bíblia” deste cientista. Foi ele que escreveu que “a viagem da descoberta consiste não em achar

**Data:** 25.11.2011

**Título:** Alexandre Quintanilha O mundo, competitivo como está, autodestrói-se

**Pub:**



**Tipo:** Jornal Nacional Diário

**Secção:** Notícias

**Pág:** 8;1;9



novas paisagens, mas em ver com novos olhos”, relê Quintanilha, que, na sua faceta de optimista, terminou a conversa com outra citação luminosa, de Richard Rorty no caso. *“Take care of freedom and truth will take care of itself”*. Com direito à sua “tradução”. “Se formos livres para fazer perguntas, para exercitar a imaginação, vamos descobrir aquela que é, para nós, a verdade”.

Área: 1155cm² / 41%

FOTO Titagem: 72.253

Cores: 4 Cores

ID: 3903683